

## CTG PORTEIRA DO RIO GRANDE PALANQUE DO PASSASDO, ESTEIO DO FUTURO

(Autor: José Ari Borges do Amaral)

Foi num mês de julho. Era inverno.  
Um branco véu cobria a pradaria,  
embelezando os campos de Vacaria.  
E os gaúchos, ao derredor de braseiros,  
chimarreavam mui altaneiros.  
Eram caudilhos e jovens idealistas  
que consolidavam ideias nativistas  
como que falqueando um palanque primeiro.

Os mais jovens cevavam o mate;  
atentos, ouviam as histórias do passado  
pra assimilarem a responsabilidade do legado  
e não deixarem uma tradição se perder  
como as cinzas daquele braseiro a arder.  
E a cuia, que passava de mão em mão,  
era a própria mensagem do coração  
reverenciando a candura daquele amanhecer!

Era então, vinte e três daquele mês;  
o ano, mil novecentos e cinquenta e cinco.  
Foi por isso que nasceu forte, com afinco  
a ideia daquele punhado de entusiastas  
acima de tudo tradicionalistas,  
oriundos deste Planalto Pampeano,  
estampa legítima do gaúcho Vacariano  
de ideologias Chimangas e Maragatas.

Naquele momento, a cor do lenço não importava,  
tampouco o ideal partidário a que pertenciam,  
mas sim, uma proposta nova que defendiam:  
fundar uma autêntica sociedade  
que trouxesse junto à própria identidade  
a verdadeira tradição campestre  
e que reunisse o patrão, ompeão e a china  
como amigos verdadeiros, sem luxo, sem vaidade...

E surgiu a principal exigência: a pilcha!  
Sendo contemplada no próprio estatuto  
como que, num respeito absoluto  
e para que fosse sempre exaltada  
naquela novel entidade, recém formada  
e para traje oficial nos bailes do Clube União  
que, embora cedido, representou o primeiro galpão  
dos divertidos bailes da gauchada.

Fora um palanque cortado em boa lua,  
marco fincado por hábeis mãos campeiras  
no lombo desta coxilha altaneira,  
por isso, foi resistindo, de rodeio em rodeio;

tendo um ano vago entremeio  
segue, despacito, resistindo a cada evento  
e foi-se perpetuando através do tempo  
e hoje, já futuro, o palanque se fez ESTEIO!

S e fez forte na rusticidade das lides  
desde a época do bugre e do gentio  
que habitaram neste torrão bravio.  
Foi daí que se forjou a têmpera d'um campeão  
e fez de cada Vacariano um Patrão  
do Rodeio Crioulo que é legenda  
para enaltecer o sarandeio da prenda  
e respeitar o braço forte do peão!

É nesse encontro de ginetes e laçadores  
que se “aprofiam” esses tauras campeiros,  
heróis anônimos e leais guerreiros  
que pela honra sempre defenderam este chão  
e se proclamaram legatários deste quinhão  
para demonstrarem na festa do tradicionalismo  
a verdadeira essência do nativismo  
e o orgulho arraigado na própria geração.

Aqui se irmanam Gaúchos e Castelhanos  
e dentre tantos: “Poncho Oriental”, “Fortin Dollores”  
para mostrar seu folclore, seus ginetes domadores  
sem esquecer o pioneiro “Los Tientos”  
que abriram esse caminho em teus eventos.  
São artistas, ginetes com rastas cintilantes  
na liberdade das melenas esvoaçantes  
demonstrando sua perícia, seus talentos.

Dom Augusto Petró, celebrou a Missa Crioula  
naquele ano sessenta e quatro  
num altar gaudério, sem aparato.  
Foram momentos de agradecimento e devoção  
no compasso dos acordes de um violão  
para homenagear a Senhora da Oliveira  
que escolheu esta terra para Padroeira  
e encerrar o Rodeio com fé e emoção.

Palanques que sustentam esse alambrado  
no talento do João Maria, do Gilberto Monteiro  
de um Tio Góes, dentre tantos primeiro  
representando seu CTG Alexandro Pato  
ou na montaria do paulista Aparecido Honorato  
fizeram nascer versos trançados de inspiração  
de um laureado poeta como João Pantaleão  
que fez rima a moldura desse retrato.

Quantos troféus já foram conquistados  
por tantas prendas lindas e faceiras

esbanjando singeleza e simpatia trigueiras!  
É também na trova, na declamação,  
e no teclado da Cordeona, nas cordas do violão.  
É onde o cavalo se faz companheiro  
do laçador, do ginete e do campeiro  
para dividirem o laurel maior de campeão

Aqueles homens jamais imaginariam  
que aquele modesto Rodeio Regional  
se transformaria no Grande Rodeio Internacional  
representado nesta sociedade de forte estrutura  
cujo palanque foi de excelente feitura  
para enaltecer o verdadeiro culto à tradição.  
E, o maior troféu conquistado por um peão  
é beijar a grama da “Cancha da Ferradura”

São reminiscências lampejando pensamentos  
desse passado tão próximo que vem à memória  
lembrando aqueles que escrevem esta história.  
Desde um Dorival Guazzelli, nosso patrão primeiro  
a um idealista, chamado Firmo Carneiro  
para reverenciarmos os trinta e três fundadores  
que são os “palanques” precursores  
e lumes eternos na chama deste candieiro!

Estes “palanques do passado”, hoje, são “esteios”,  
como foi Bento Abreu, um destacado patrão,  
como foi Pedro Néri, um ginete, primeiro campeão;  
Lalau Ferreira. Laçador, ginete, sempre altaneiro  
representou o Brasil no longínquo estrangeiro  
Florentino Rezende, chuleador sem comparação;  
da Esmeralda, o Zé Mendes e seu violão  
e o Getúlio Marcantônio, Patrão do Rodeio Pioneiro!

E na declamação, quantos destaques;  
o grande Osmar Rodrigues foi imbatível,  
Nego Jorge, lenda viva, insubstituível.  
O chimarrão do Sganzerla, o peão Vito Gaúcho  
do grande Túlio Rossi aguentando o repucho;  
fenomenal “Matapau”, campeão domador  
fazem história na perícia do “orelhador”  
d'uma égua “33”, garbosa, aporreada e sem luxo.

São peões e ginetes de tantas querências  
que já montaram um tanto potro “maula”  
Sidnei Vigil, nosso Volmir de Paulo  
peritos de braços fortes, campeões de estripe;  
num “doze braças” o respeito aos irmãos Felipe.  
Também foram poetas que nos encheram de emoção:  
Retamozzo, Jaime Caetano Braun, Ciro Gavião,  
Maria Dinorá, Nico, todos escreveram versos de elite.

Adentremos então pela “porteira do presente”  
para vermos esse passado autêntico que se descortina.  
E, de tantas lembranças nos vêm à retina  
que para poderem cercar essa invernada  
foram palanques e arame nessa empreitada  
e para erguerem esse galpão sólido e seguro  
foram necessários esteios de cerne puro  
perpetuando uma estrutura sólida e inabalada.

Passado e futuro estão sempre presentes  
revividos a cada alvorecer,  
reverenciado a cada dia um renascer  
nos ideias da nossa tenra juventude  
que assumiu a verdadeira atitude  
em defesa de tudo aquilo que é raiz,  
que é Bandeira em seu símbolo e seu matiz  
da pura seiva desse relicário de virtude.

Vinte e dois rodeio fizeram sua história  
e o vigésimo terceiro nos faz um chamamento  
para que todos nós, neste momento  
venhamos reforçar nossos laços de amizade  
ao se abrirem as porteiras da nossa Cidade  
como se irrompessem o túnel do tempo  
num eterno remotivar de conagraçamento  
que nos fez “Capital da Hospitalidade”!

Assim é o CTG Porteira do Rio Grande:  
um verdadeiro “Palanque do passado”  
cuja existência nos deixa por legado  
o chimarrão patriótico da confraternização  
desse mister xucro como apologia à tradição  
vanguarda d'um tradicionalismo ainda puro  
porque aqui aqui se plantou o “Esteio do Futuro”  
para motivos do porta em sua exortação.

Segue cavalgando “Lendário Poeta”  
no lombo desse bagual chamado Tempo,  
segue trançando esse laço, tento a tento,  
para a grande armada nos campos da existência.  
Segue cavalgando altaneiro nesta querência  
verdadeiro continente, desprovido de fronteira,  
segue reunindo o povo nesta lida campeira  
uma vertente gaudéria de legítima defesa.

Rendo a ti meu preito de poeta  
escrevendo estes versos numa homenagem singela  
escancarando um coração sem portão e sem cancela  
como as varas da tua porteira beijando o chão;  
é o Rio Grande de braços abertos e, nesta oração  
chamando a todos: “se aproximem mais perto”  
e na hérculea grandeza deste gesto

uma reverência simbólica da cuia passando de mão em mão!